

NOSSOS CLÁSSICOS

IMMANUEL KANT
(1724-1804)

O ensaio a seguir traduzido foi publicado pela primeira vez em 1768 no *Wochentliche Königsbergsche Frag- und Anzeigungsnachrichten* (n^{os} 6, 7 e 8). Foi o único trabalho publicado por Kant entre 1766 e 1770, período crucial para o desenvolvimento do que posteriormente viria a ser o idealismo transcendental, em particular de sua doutrina do espaço e do tempo. O ensaio de 1768 marca uma ruptura com concepções leibnizianas do espaço que Kant mantivera até então, ainda que com reservas.¹ O trabalho é conhecido por sua discussão das chamadas contrapartidas incongruentes, cuja existência é contra-exemplo à tese leibniziana de que objetos com o mesmo tamanho (ou “iguais”) e mesma forma quando considerados isoladamente (“similares”) são congruentes, isto é, podem ser movidos de modo a sucessivamente ocupar o mesmo espaço. Kant atribui o erro da tese de Leibniz (compartilhada por Wolff) à concepção relacional de espaço por ele defendida, e propõe-se em troca a provar a realidade do “espaço absoluto”, o que indica a influência de Newton nas idéias de Kant na época. A validade do argumento, no entanto, é assunto controverso na literatura secundária.² Também é motivo de debate a coerência dos diversos usos que Kant fez das contrapartidas incongruentes. Apenas dois anos depois, na *Dissertação de 1770* (§ 15 C), Kant as usaria para arguir em favor da intuitividade do espaço, e em duas obras do período crítico –

¹ Ver, por exemplo, *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (1755, Ak 1: 215-368), e os comentários de Roberto Torretti, *Manuel Kant: Estudio sobre los fundamentos de la filosofía crítica* (Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1967), parte I; Michael Friedman, *Kant and the exact sciences* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992), Introdução; e David Walford, “Towards an interpretation of Kant’s 1768 *Gegenden im Raume* essay”, *Kant-Studien* 92 (2001): 407-39.

² A coletânea editada por James Van Cleve e Robert Frederick, *The philosophy of right and left: Incongruent counterparts and the nature of space* (Dordrecht: Kluwer, 1991), contém reimpressões de alguns dos trabalhos mais influentes sobre o tema, além de extensa bibliografia. Ver também os estudos de David Walford (2001), *loc. cit.*, e Paul Rusnock e Rolf George, “A last shot at Kant and incongruent counterparts”, *Kant-Studien* 86 (1995): 257-77.

Prolegômenos (1783, § 13) e *Primeiros princípios metafísicos da ciência natural* (1786, Ak 4: 484) – contrapartidas incongruentes são usadas para argüir em favor da idealidade transcendental do espaço. No entanto, apesar das dificuldades interpretativas, é consenso entre os comentadores que o ensaio aqui traduzido contém indicações importantes sobre a gênese da doutrina kantiana do espaço.

O tema das contrapartidas incongruentes também é interessante em si próprio, e Kant parece ter sido o primeiro a notá-lo. Uma mão direita não tem como ser identificada como tal (isto é, como uma mão *direita*) quando considerada isoladamente, sem comparação com quaisquer outros objetos. No entanto, apesar de serem *iguais e similares* o espaço ocupado pela mão direita é claramente distinto do espaço ocupado por sua contrapartida esquerda, e prova disso é o fato de que uma mão direita não cabe em uma luva esquerda (sem esticar, e com isso deformar, a luva).³ Foi a análise de fatos como esse que levou Kant afirmar no presente ensaio a realidade do espaço absoluto. Mas aqui, como de resto em quase toda a obra kantiana, o que se vê antes de mais nada é o pensador em busca de soluções próprias para os problemas que seu tempo lhe outorgou. E refletindo sobre as páginas que se seguem é quase possível entrever o filósofo em ação, ponderando alternativas para as dificuldades enfrentadas pelos pensadores de seu tempo.

O texto utilizado para a tradução foi o da edição Weischedel, com exceção de algumas poucas expressões, indicadas em notas de rodapé, para as quais preferiu-se a edição da Academia. Uma versão anterior dessa tradução foi revisada pelo Professor Valério Rohden e publicada nos *Cadernos de Filosofia Alemã 2* (1997). O texto que segue é uma versão corrigida daquela publicação, tendo sido feitas pequenas modificações estilísticas e ortográficas, e acrescentadas notas de rodapé. Para a elaboração das notas finais colheram-se informações contidas na edição da Academia (Anm. d. Bd. 1-5), da edição inglesa por David Walford e Ralf Meerbote⁴, da edição francesa por S. Zac⁵, e do ensaio de Rusnock e George (1995). A numeração que consta no texto é a da paginação da Academia (Ak 2: 375-383).

Rogério Passos Severo⁶

³ A respeito desse tema, ver os trabalhos indicados na nota anterior, e também C. F. Gauss, “Theoria residuorum biquadraticorum. Commentatio secunda” (1831; in *Werke*. Göttingen, 1863. reimpresso: Hildesheim: Olms, 1975), vol. II, p. 177; H. Weyl, *Philosophy of mathematics and natural science* (Princeton: Princeton University Press, 1948), pp. 39-43; Felix Mühlhölzer, “Das Phänomen der inkongruenten Gegenstücke aus Kantischer und heutiger Sicht”, *Kant-Studien* 83 (1992): 436-53; e Rogério Passos Severo, “Three remarks on the interpretation of Kant on incongruent counterparts”, *Kantian Review* 9 (2005): 30-57. Temas afins são discutidos por N. J. Block, “Why do mirrors reverse right/left but not up/down”, *Journal of Philosophy* 71 (1974): 259-77; Martin Gardner, *The new ambidextrous universe* (rev. ed. New York: W. H. Freeman, 1990); e Richard Feynman, “Symmetry in physical laws” (in *Six not-so-easy pieces*. Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1963).

⁴ In *Theoretical philosophy 1755-1770* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992).

⁵ In *Quelques opuscules précritiques* (Paris: Vrin, 1970).

⁶ Bolsista da CAPES – Brasília.